



CONVIDADA



MANUELA APARÍCIO
Vice-diretora para a
Educação na NOVA
Information Management
School (NOVA IMS)

ChatGPT no ensino: o eloquente colega de carteira

O termo ChatGPT, baseado no GPT-3.5 ("generative pre-trained transformer"), apesar de se ter tornado viral no final de 2022, não é a inovação mais recente na área da inteligência artificial. A verdade é que o treino deste tipo de modelo, numa base de conhecimento à larga escala e disponibilização em modo de ferramenta acessível ao público, tem um alto impacto uma vez que começa a ser usado como um consultor humano, apesar de conter conhecimento até 2021, estando ligeiramente desatualizado.

A sua popularidade atingindo o seu pico recentemente, no qual grande parte da população começou a utilizar esta ferramenta por vários motivos: curiosidade, humor, testagem das suas capacidades ou avaliação da rapidez e qualidade de resposta. Outro motivo que justifica a popular utilização

do ChatGPT prende-se com a competição entre as capacidades intelectuais humanas contra um artefacto artificial, tentando assim aferir a acuidade às respostas esperadas a questões que iam fazendo. Mas curiosidade não é a principal razão de uso deste artefacto.

Existem, de facto, pessoas que o utilizam com propósito de apoio ao trabalho ou estudo, ou até mesmo com finalidades de socialização e relacionamento com um agente artificial. Este traz também uma certa disrupção uma vez que é capaz de modificar o processo produtivo, trazendo assim desafios às cadeias de valor das organizações, bem como a transferência de autoria do que produz.

Desafios estes que não são inócuos ao ensino e à aprendizagem no sentido em que, os docentes procuram novas formas de avaliar os alunos com vista a colmatar eventuais formas de fraude na autoria de trabalhos académicos. Algo que já ocorreu com o Google e a Wikipédia, como grandes ameaças às autorias dos trabalhos escolares, perigando não só a qualidade dos conteúdos pesquisados, bem como instrumentos que permitiram plagiar conteúdos.

À margem da produção de conteúdos, trabalhos escritos, relatórios ou código de programação em que o ChatGPT pode ser usado, este permite criar recursos de estudo individualizado e fornece feedback quase instantâneo aos estudantes.

Embora o ChatGPT seja um sistema de inteligência artificial que permite criar conteúdos, estes são criados num ambiente artificial restrito, dando muitas vezes respostas evasivas - afirmando até não ser um humano, não sendo capaz de entender certas contextualizações automáticas na ótica humana. O seu resultado necessitará sempre de um ser humano para contextualizar os seus resultados e executá-los.

Neste sentido, pode-se apon-

tar como pontos negativos para o ensino o uso indevido dos resultados do sistema, como por exemplo responder a questões que os docentes lançam aos alunos para os avaliar nos conhecimentos das matérias lecionadas nas aulas. Nesta situação, não se trata só de plágio, ao usar conteúdos da autoria do ChatGPT, mas também de fraude, uma vez que visa enganar o docente que está a aferir conhecimentos. É um desafio interessante para esta geração de docentes e investigadores que tenta colmatar através de diferentes modos de avaliação e detetores de conteúdo automaticamente gerado (análogos aos detetores de plágio, mas que possuem a mesma finalidade).

Outro impacto menos positivo prende-se com o processo de aprendizagem em si, que engloba a pesquisa de informação, seleção de fontes com qualidade, leitura, análise crítica e desenvolvimento de escrita como resultado individual desse processo. Com o uso do ChatGPT, todo o processo estará ameaçado: a escolha dos termos de pesquisa não é feita pelos alunos, mas sim por uma máquina; não obedece a critérios de qualidade de informação, podendo até seleccionar fontes erradas (sem as referenciar); a leitura e a interpretação são feitas com base em modelos treinados com datasets limitados; os modelos cognitivos de uma máquina não são dotados do conhecimento tácito de um ser humano para que a sua análise crítica faça sentido no contexto correto de aplicação; a expressão escrita, sendo feita por uma máquina, não permite desenvolver a capacidade criativa de externalizar conhecimento próprio da capacidade humana. Identifico ainda um outro perigo para o ensino, respeitante ao aspeto da socialização dos alunos. Com efeito, se os alunos no futuro sobreutilizarem o ChatGPT, irão paulatinamente desligar-se ainda mais do contexto social, da interação com os colegas, das dis-

cussões, dos debates e da camaradagem, entrando cada vez mais no lado escuro da tecnologia.

Assistimos assim à transição para uma tecnologia que substitui um colega de carteira por algo cada vez mais eloquente, mas não necessariamente mais competente e humano. Pelas razões expostas, é necessário apostar cada vez mais no ensino da ética, apelando especialmente ao uso responsável da inteligência artificial. A tecnologia não é boa nem má, mas sim o que fizermos dela.

Na NOVA IMS, os tópicos de inteligência artificial são matérias relevantes ensinadas em várias unidades curriculares (UC). A inteligência artificial está presente nas teses e dissertações, sendo também explorada na investigação desenvolvida pelos professores e investigadores. A ética é também estudada em várias UC, para

além das que são completamente dedicadas ao tópico nos diversos ciclos de estudo.

Urge assim, em sentido transversal do ensino superior, repensar os conteúdos e práticas de ensino de ética em inteligência artificial. Os professores devem aplicar métodos de avaliação que incidam essencialmente na razão das coisas, na metodologia de realização dos trabalhos e restantes elementos de avaliação, não se focando tão e somente nos resultados dos trabalhos, mas também no processo em si (apelando ao metaconhecimento e nos momentos de avaliação contínua e presencial). O artefacto artificial pode ser usado de modo consciente e ético e, como é evidente, não podemos ignorar a sua existência.

Na minha opinião, estes são grandes desafios para o futuro do ensino e aprendizagem. ■

Urge assim, em sentido transversal do ensino superior, repensar os conteúdos e práticas de ensino de ética em inteligência artificial.



negócios

negócios.pt

Quarta-feira, 1 de fevereiro de 2023 | Diário | Ano XVIII | N.º 4923 | € 2,80
Diretora **Diana Ramos** | Diretor adjunto **Celso Filipe**

MANUELA APARÍCIO
É necessário cada vez mais apostar no ensino da ética
OPINIÃO 27



M. FÁTIMA CARIOCA
Uma visão estratégica míope pode levar a decisões defensivas
OPINIÃO 26



CARLOS MOTA DOS SANTOS
PRESIDENTE E CEO DA MOTA-ENGIL

Mota-Engil forma consórcio para a alta velocidade

- Empresa está na corrida ao lado da Teixeira Duarte, Casais, Conduril, Gabriel Couto e Alves Ribeiro.
- Na primeira entrevista no cargo, diz que foco é a rentabilidade e que não deverá avançar na Efacec.

PRIMEIRA LINHA 4 a 9

JOÃO CORTESÃO

Guerra e inflação vão entrar nos testes de stress à banca

Autoridade Bancária Europeia testa cenário de agravamento de juros. Resultados só em julho.

EMPRESAS 16

SUSTENTABILIDADE 20|30

JOÃO MANSO NETO CEO DA GREENVOLT



“É preciso utilizar melhor as redes em Portugal. São mal utilizadas”

SUSTENTABILIDADE 18 e 19

Exportações

Subida dos preços leva a agroalimentar a bater recorde de vendas

EMPRESAS 14 e 15

Trabalho

PS protege contratos coletivos, mas só para o futuro

ECONOMIA 10 e 11

Estados Unidos

Reserva Federal abre caminho a nova fase nos juros

HOME PAGE 2